

Carta do Prelado (Novembro 2009)

O ano sacerdotal ajuda-nos a recordar que todos os cristãos têm que aproximar os outros a Jesus Cristo, com a sua própria vida. Este é o tema central da carta pastoral do Prelado do Opus Dei.

06/11/2009

Queridíssimos: que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Ao começar o mês de Novembro do Ano sacerdotal, gosto de pensar que

está enquadrado por duas festas litúrgicas em que se manifesta o carácter sacerdotal do Povo de Deus: a solenidade de Todos os Santos e a de Cristo Rei. Na primeira, que hoje celebramos, o sacerdócio de Cristo revela-se nos Seus membros. Na segunda, dia 22, sublinha-se que Jesus Cristo, nossa Cabeça, é *Sacerdote eterno e Rei do universo* [1], que tomará posse do seu Reino e o entregará a Deus Pai, com a Sua vinda gloriosa no final dos tempos [2].

As duas solenidades convidam a reflectir sobre a dignidade da vocação cristã. S. Pedro, na sua primeira epístola, diz o seguinte aos baptizados: *vós, porém, sois uma geração escolhida, um sacerdócio real, uma gente santa, um povo adquirido por Deus, para que publiqueis as perfeições d'Aquele que, das trevas, vos chamou à luz admirável. Vós que outrora não éreis*

Seu povo, agora sois povo de Deus: vós, que não tínheis alcançado misericórdia, agora alcançastes misericórdia [3]. O Príncipe dos Apóstolos afirma que Deus, ao tornar-nos Seus filhos pela graça do Espírito Santo, nos inseriu no novo Povo de Deus, a Igreja, a que se pertence não pela descendência da carne mas pela incorporação a Jesus Cristo. E graças a tão incrível eleição, gratuita e imerecida – sermos participantes do sacerdócio de Cristo! –, ele convida-nos a anunciar as maravilhas divinas com o exemplo, com a palavra e com as obras.

Admiremos a bondade de Deus Pai e demos-Lhe graças. Não se contentou com enviar o Seu Filho ao mundo para nos salvar, mas quer que a Redenção chegue a todos os homens, até ao fim dos tempos, servindo-se da Igreja, que é Corpo de Cristo e presença salvífica do Senhor no espaço e no tempo. S. Agostinho

afirmava que «assim como chamamos cristãos a todos [os baptizados], em virtude do único crisma, assim também chamamos sacerdotes a todos, porque são membros do único Sacerdote» [4]. O nosso Padre meditou muito sobre este dom tão grande, e animava-nos a todos a que tivéssemos os mesmos sentimentos de Cristo [5]. Por isso devemos reflectir: até que ponto me esforço por assimilar esta riqueza?

O chamamento universal à santidade e ao apostolado provém do carácter baptismal, como sua raiz. O sacerdócio comum precede o sacerdócio ministerial, e este fica ao serviço daquele. Sem o renascimento do Baptismo não poderia haver ministros sagrados, pois este sacramento abre a porta a todos os outros. E sem sacerdócio ministerial não poderíamos progredir no caminho da santidade, pois é através dele que a Igreja anuncia aos

homens a doutrina de Cristo e os incorpora à Sua vida com os sacramentos – especialmente com a Eucaristia – e os guia até ao Céu. «O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora essencialmente diferentes, e não apenas em grau, ordenam-se, contudo, um para o outro, pois ambos participam, cada um à sua maneira, do único sacerdócio de Cristo» [6].

O Santo Cura de Ars exprimia com clareza a necessidade do sacerdócio ministerial. E Bento XVI, na carta para o Ano sacerdotal, transcreve algumas expressões do santo: «Sem o sacerdote, dizia, a morte e a paixão de Nosso Senhor não serviriam de nada. O sacerdote continua a obra da redenção sobre a terra... De que nos serviria uma casa cheia de ouro se não houvesse ninguém que nos abrisse a porta? O sacerdote tem a chave dos tesouros do Céu: é ele

quem abre a porta, é ele o administrador do bom Deus, o administrador dos Seus bens... O sacerdote não é sacerdote para si mesmo, mas para vós» [7]. Como rezamos diariamente, com fé autêntica, para que não faltem sacerdotes santos? Como exigência da nossa condição de cristãos, suplicamos ao Dono da messe que envie trabalhadores para o Seu campo, em número suficiente para atenderem às abundantes necessidades do mundo inteiro?

Mas voltemos à liturgia de hoje, que sublinha o carácter sacerdotal do Povo de Deus. Numa visão impressionante, o Apocalipse mostra-nos *uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, revestidos de vestes brancas, com palmas nas mãos. E clamavam em alta voz dizendo: a salvação ao nosso*

Deus, que está sentado sobre o trono, e ao Cordeiro! [8]. Essa multidão de pessoas que se prostram em adoração diante da Santíssima Trindade, em união com os Anjos, são os santos: uns conhecidos, a maior parte desconhecidos. Aí se vê o Povo de Deus na sua etapa final, que **compreende os santos do Antigo Testamento, desde o justo Abel e do fiel patriarca Abraão, os do Novo Testamento, os numerosos mártires do início do cristianismo e os beatos e santos dos séculos seguintes, até aos testemunhos de Cristo do nosso tempo. A todos os une a vontade de incarnar o Evangelho na sua vida, sob o impulso do eterno animador do Povo de Deus, que é o Espírito Santo [9].**

Tanto o sacerdócio ministerial como o sacerdócio comum são para santificar os homens. Os ministros sagrados, configurados com Cristo,

Cabeça da Igreja, exercem-no pregando a Palavra de Deus, administrando os sacramentos e sendo pastores que guiam os fiéis até à vida eterna, como instrumentos visíveis do Sumo e Eterno Sacerdote. Mas também os leigos, pelo sacerdócio real, participam a seu modo nessa tripla missão de Cristo Sacerdote. S. Josemaria explicava que todos os cristãos, sem exceção, **fomos constituídos sacerdotes da nossa própria existência, para oferecer vítimas espirituais que sejam agradáveis a Deus por Jesus Cristo (1 Pe 2, 5)**, para realizar cada uma das nossas acções em espírito de obediência à vontade de Deus, perpetuando assim a missão do Deus-Homem [10].

Não é preciso nenhum encargo especial da autoridade da Igreja para sentirmos a urgência de participar na missão salvífica. **Apóstolo é o cristão que se sente inserido em**

Cristo, identificado com Cristo pelo Baptismo, habilitado a lutar por Cristo pela Confirmação, chamado a servir a Deus com a sua acção no mundo, pelo sacerdócio comum dos fiéis, que confere uma certa participação no sacerdócio de Cristo, a qual – sendo essencialmente diferente da que o sacerdócio ministerial confere – o torna capaz de participar no culto da Igreja e de ajudar os homens no seu caminho para Deus, com o testemunho da palavra e do exemplo, da oração e da expiação [11]. Detenhamo-nos com frequência a meditar no que significa esta missão do cristão, porque temos de ser portadores de Cristo à humanidade, e portadores da humanidade a Cristo.

No decorrer do Ano sacerdotal, além de pedirmos pela santidade dos sacerdotes, havemos de rezar pela santidade de todo o povo cristão. Se

houver famílias que educam os filhos no amor de Deus com o seu exemplo de vida cristã, se houver homens e mulheres que procuram seriamente Jesus Cristo nas circunstâncias da sua existência corrente, haverá muitos jovens que se sentirão chamados pelo Senhor ao sacerdócio ministerial. Nestes meses, oferece-se-nos uma nova oportunidade para todos tomarmos mais consciência da vocação universal à santidade e ao apostolado, e para nos esmerarmos em seguir decididamente este chamamento, sem mediocridades, sem nos deixarmos dominar pelos estados de ânimo. Como e até que ponto influem em nós o cansaço, as contradições, os fracassos? Perdemos com facilidade a paz e não nos refugiamos em Deus? Temos em consideração que a Cruz é fundamento e coroa da Igreja?

S. Josemaria recebeu luzes divinas especiais para ensinar como se pode

contribuir para a expansão do Reino de Deus através das actividades temporais. No próprio dia da sua passagem deste mundo, recordava a um grupo de mulheres, fiéis do Opus Dei, que, como todos os cristãos, também elas tinham *alma sacerdotal*. Muitos anos antes escrevera: **tanto os sacerdotes como os leigos, havemos de ter, em tudo e sempre, alma verdadeiramente sacerdotal e mentalidade plenamente laical, para que possamos entender e exercer, na nossa vida pessoal, aquela liberdade de que gozamos na esfera da Igreja e nas coisas temporais, considerando-nos ao mesmo tempo cidadãos da cidade de Deus (cfr. *Ef* 2, 19) e da cidade dos homens [12].**

A *alma sacerdotal*, insisto, leva os baptizados a terem os mesmos sentimentos de Cristo, com fome de se unirem a Ele em cada dia na Santa Missa, e ao longo do dia. O espírito

sacerdotal impulsiona-nos para crescer na santa ambição de servir, com dedicação sincera e concreta, pelo bem espiritual e material dos nossos semelhantes, anima a cultivar um sério empenho pelas almas, com veemente desejo de ser corredentores com Cristo, unidos à Virgem Santíssima e filialmente *pegados* ao Romano Pontífice, leva a que nos disponhamos a reparar pelos pecados, pelos próprios e pelos de todos os homens... Em suma, leva a amar a Deus e ao próximo sem nunca dizer *basta* no serviço da Igreja e das almas. S. Josemaria resumia assim esta ideia: **com esta alma sacerdotal, que peço ao Senhor para todos vós, deveis procurar que, no meio das vossas ocupações habituais, a vossa vida inteira se converta num contínuo louvor a Deus: oração e reparação constantes, petição e sacrifício por todos os homens. E tudo isto em íntima e assídua união com Cristo**

Jesus, no Santo Sacrifício do Altar [13].

Na Santa Missa, as nossas obras ganham valor de eternidade. Nesses momentos, com vigorosa intensidade, o cristão torna-se plenamente consciente do seu compromisso de colaborar com Jesus na santificação das realidades humanas, mediante o oferecimento da sua vida e de toda a sua actividade. *«Altare Dei est cor nostrum»* [14], dizia S. Gregório Magno, altar de Deus é o nosso coração. Havemos de **O servir não só no altar mas no mundo inteiro, que é altar para nós.** Todas as **obras dos homens se fazem como que num altar, e cada um de vós, nessa união de almas contemplativas que é o vosso dia,** diz de algum modo a sua missa, **que dura vinte e quatro horas, à espera da missa seguinte, que durará outras vinte e quatro horas,**

e assim até ao fim da nossa vida [15].

Além disso, todos os fiéis, como manifestação da sua participação no ministério profético de Jesus Cristo, devem esforçar-se por comunicar a outros os ensinamentos divinos. Há certamente muitas formas de participar na missão evangelizadora da Igreja, mas na base de qualquer actividade apostólica, está sempre o mandato de Jesus a todos os cristãos: *ide, pois, fazei discípulos de todos os povos (...) ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado* [16].

Assim também, a participação na missão real de Cristo anima os cristãos a santificar as realidades terrenas: os leigos, em concreto, com o seu esforço por ordenar os assuntos temporais conforme a Vontade de Deus [17], actuando no mundo a modo de fermento [18], para pôr Cristo no cume de todas as

suas actividades. «O sacerdócio comum que recebemos no Baptismo – explicava D. Álvaro, seguindo a doutrina de S. Josemaria – é *real*, régio (cfr. 1 Pe 2, 9), porque ao oferecer a Deus o que somos e temos, e ao oferecer-Lhe todas as actividades humanas nobres realizadas segundo o querer divino, somos reino de Cristo e reinamos com Ele» [19].

Como parte da missão específica que Deus lhe tinha confiado, S. Josemaria ensinou que uma característica essencial do modo de tornar presente o sacerdócio de Cristo segundo o espírito do Opus Dei, tanto pela parte dos ministros sagrados como dos fiéis leigos, é a mentalidade laical própria da sua condição secular e da sua situação no mundo. Assim, sacerdotes e leigos hão-de colaborar no cumprimento da única missão da Igreja, cada um conforme os dons recebidos, respeitando a situação

específica de cada qual. Os leigos exercem a sua missão no seio das estruturas temporais, procurando animá-las do espírito de Cristo. Os sacerdotes servem os outros com a pregação da Palavra divina e a administração dos sacramentos. Isto ajuda, como S. Josemaria escreve, ***a que os clérigos não atropelem os leigos nem os leigos os clérigos, que não haja clérigos a intrometer-se nos assuntos dos leigos, nem leigos a intrometer-se no que é próprio dos clérigos*** [20].

No próximo dia 28 de Novembro celebramos a erecção do Opus Dei como prelatura pessoal. Demos graças a Deus e esforcemo-nos por difundir o profundo significado teológico e espiritual da cooperação orgânica de sacerdotes e leigos no Opus Dei, para participar na missão da Igreja, sobretudo com uma vida cristã coerente, permanecendo cada um, como diz o Apóstolo, *na condição*

em que se encontrava quando foi chamado [21], sendo sacerdotes ou leigos a cem por cento. Assim serviremos a Igreja com eficácia, como sempre procurámos fazer. Com mais razão agora, quando muitos confundem o laicismo – que tenta expulsar Deus das estruturas seculares – com a laicidade. E fomentaremos o santo espírito laical, a que o Romano Pontífice se tem referido em diversas alturas [22].

Dentro de dias, a 7 de Novembro, vou ordenar diáconos 32 fiéis do Opus Dei. Roguemos ao Senhor que sejam bons e santos ministros seus, e prossigamos na oração pela Pessoa e intenções do Romano Pontífice, pelos seus colaboradores, pelos sacerdotes e diáconos, pelos candidatos ao sacerdócio no mundo inteiro. Recordaremos também o dia em que a Virgem Maria fez ao nosso Padre a carícia de encontrar a “rosa” em Rialp: recorramos à nossa Mãe

Santíssima, para que nos consiga de Deus a “rosa” perfumada da fidelidade. Contamos também com a ajuda de todos os que nos precederam. Ao longo das semanas deste mês, tornemos mais forte a unidade da Igreja triunfante, purgante e militante, com a nossa oração e os nossos sufrágios.

Com todo o afecto, abençoa-vos
o vosso Padre
+ Javier

Roma, 1 de Novembro de 2009

[1] Missal Romano, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, *Prefácio*.

[2] Cfr. 1 *Cor* 15, 24.

[3] 1 *Pe* 2, 9-10.

[4] S. Agostinho, *A Cidade de Deus*, XX, 10 (CCL 48, 720).

[5] Cfr. *Fl 2, 5.*

[6] Concílio Vaticano II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n. 10.

[7] S. João Maria Vianney, cit. por Bento XVI em *Carta aos sacerdotes*, 16-VI-2009.

[8] *Ap 7, 9-10.*

[9] Bento XVI, Homilia na solenidade de Todos os Santos, 1-XI-2006.

[10] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 96.

[11] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 120.

[12] S. Josemaria, *Carta 2-II-1945*, n. 1.

[13] S. Josemaria, *Carta 28-III-1955*, n. 4.

[14] S. Gregorio Magno, *Moralia 25, 7*, 15 (PL 76, 328).

[15] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 19-III-1968.

[16] *Mt 28, 19-20.*

[17] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n. 31.

[18] Cfr. Concílio Vaticano II, Decr. *Apostolicam actuositatem*, n. 2.

[19] D. Álvaro del Portillo, *Carta pastoral*, 9-I-1993, n. 11.

[20] S. Josemaria, *Carta 19-III-1954*, n. 21.

[21] *1 Cor 7, 20.*

[22] Cfr. Bento XVI, Discursos dos dias 18-V-2006 e 11-V-2007.
